

TECNOLOGIAS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM EXPERIÊNCIAS COM PLATAFORMAS EDUCACIONAIS

Rosângela Nunes Brito¹
Antonia Karine Silva Bezerra²
Bruno Benjamim dos Santos³
Giuliani Câmara dos Santos⁴
Kelly Fernanda Moreira Cantareli⁵
Roberto Carlos Cipriani⁶
Romilda Alves Rodrigues Dias⁷
Valéria Corrêa Calixto Cabral⁸

RESUMO: Esta pesquisa investiga as relações entre mediação pedagógica e o uso de plataformas educacionais digitais na educação básica, com foco na atuação docente frente aos desafios e possibilidades da cultura digital. A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentação bibliográfica, o estudo analisa como o uso intencional de plataformas pode fortalecer metodologias ativas, promover a personalização da aprendizagem e estimular a construção de trajetórias educativas mais significativas. A mediação, nesse contexto, requer do docente não apenas domínio técnico, mas consciência crítica, escuta ativa e planejamento formativo. Como destacam Bezerra e Lima (2019, p. 3), as tecnologias digitais devem ser vistas como aliadas no processo de ensino, sem substituir a intencionalidade pedagógica. Os resultados revelam desafios ligados à infraestrutura, formação docente e integração curricular das tecnologias, mas também apontam para experiências bem-sucedidas em que as plataformas favorecem a autonomia dos estudantes e ampliam a cultura digital na escola pública. Conclui-se que a mediação pedagógica no uso de plataformas educacionais demanda postura ética, sensibilidade didática e compromisso com a aprendizagem, consolidando-se como estratégia para a qualificação do ensino em contextos diversos.

2100

Palavras-chave: Tecnologias Digitais. Mediação Pedagógica. Plataformas Educacionais. Formação Docente. Educação Básica.

¹Mestranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

²Doutoranda em Ciências da Educação. Universidad del Sol (UNADES).

³Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁴Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁵Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁶Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

⁷Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁸Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

ABSTRACT: This research investigates the relationship between pedagogical mediation and the use of digital educational platforms in basic education, focusing on the teacher's role in addressing the challenges and opportunities of digital culture. Based on a qualitative approach and bibliographic foundation, the study analyzes how the intentional use of platforms can enhance active methodologies, foster personalized learning, and support the development of more meaningful educational experiences. In this context, pedagogical mediation requires not only technical skills but also critical awareness, active listening, and formative planning. As Bezerra and Lima (2019, p. 3) point out, digital technologies should be seen as allies in the teaching process, without replacing pedagogical intentionality. The results reveal challenges related to infrastructure, teacher training, and curricular integration of technologies, but also highlight successful experiences in which platforms promote student autonomy and strengthen digital culture in public schools. It concludes that pedagogical mediation in educational platforms demands ethical conduct, didactic sensitivity, and a strong commitment to student learning, establishing itself as a strategy for improving teaching in diverse educational contexts.

Keywords: Digital Technologies. Pedagogical Mediation. Educational Platforms. Teacher Training. Basic Education.

I INTRODUÇÃO

O uso de tecnologias digitais no cotidiano escolar tem alterado profundamente os modos de ensinar, aprender e se relacionar com o conhecimento. As plataformas educacionais surgem nesse contexto como ferramentas amplamente utilizadas nas redes públicas e privadas, seja como repositórios de conteúdo, ambientes interativos ou sistemas de avaliação. No entanto, o simples acesso a tais tecnologias não garante avanços qualitativos nos processos de ensino-aprendizagem. O diferencial reside na forma como essas plataformas são mediadas pedagogicamente pelos docentes e integradas ao projeto educativo da escola. A mediação, nesse cenário, torna-se uma categoria central, pois envolve intencionalidade, planejamento, escuta e acompanhamento formativo.

A transformação digital da educação exige uma nova compreensão do papel do professor, não mais como transmissor de conteúdos, mas como sujeito que organiza experiências de aprendizagem nos múltiplos espaços, inclusive virtuais. Santos e Lopes (2016, p. 42) observam que o docente deve atuar com criatividade e criticidade, mediando saberes e favorecendo o protagonismo dos estudantes. Nesse sentido, as plataformas não substituem a docência, mas podem ampliar suas possibilidades quando associadas a práticas dialógicas, éticas e colaborativas. A mediação pedagógica, portanto, precisa ser compreendida como um processo ativo de articulação entre sujeitos, tecnologias e objetivos formativos.

Apesar dos avanços tecnológicos, muitas escolas ainda enfrentam barreiras estruturais e culturais para a integração pedagógica das plataformas. A escassez de conectividade, a sobrecarga docente e a ausência de formação continuada específica são entraves recorrentes na realidade da educação básica. Como apontam Almeida e Silveira (s.d., p. 5), o uso pedagógico da tecnologia exige também competência crítica para lidar com riscos informacionais e exclusões simbólicas que podem emergir dos ambientes digitais. Nesse contexto, a mediação pedagógica assume o papel de proteger, orientar e conduzir processos educativos mais humanizados, mesmo diante de desafios institucionais.

O objetivo desta pesquisa é analisar como a mediação docente qualifica o uso das plataformas educacionais, considerando seus impactos sobre a autonomia discente, a personalização da aprendizagem e a construção de trajetórias escolares mais significativas. A abordagem adotada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica de autores que discutem cultura digital, mediação pedagógica e formação docente, bem como os referenciais metodológicos de Siena et al. (2024) e Almeida (2021). Busca-se compreender as potências e os limites dessas ferramentas quando inseridas em práticas intencionais e reflexivas.

A análise proposta considera não apenas o funcionamento técnico das plataformas, mas também suas implicações éticas, políticas e pedagógicas. Ao tratar das plataformas como ambientes formativos e não meros instrumentos, reforça-se a importância do olhar docente como mediação ativa e crítica. Isso inclui desde a curadoria de conteúdos até a criação de experiências colaborativas e a leitura sensível dos dados gerados pelas interações virtuais. Nesse sentido, a mediação não é neutra: é atravessada por valores, concepções de aprendizagem e modos de relação com o conhecimento.

Diante desse cenário, esta pesquisa se estrutura em quatro seções principais. A primeira discute os fundamentos da mediação docente no contexto das tecnologias digitais. A segunda analisa as plataformas educacionais como espaços pedagógicos mediados. A terceira examina práticas concretas e desafios relacionados à mediação nas plataformas. Por fim, são apresentadas as considerações finais, destacando implicações para a formação docente, para a gestão escolar e para o fortalecimento de uma cultura pedagógica digital comprometida com a qualidade e a equidade na educação básica.

2 Tecnologias digitais e mediação docente

A mediação docente no contexto digital não se resume ao domínio técnico das ferramentas educacionais, mas implica a capacidade de orientar o uso crítico das tecnologias e de garantir intencionalidade pedagógica às práticas escolares. As plataformas digitais, quando inseridas de forma planejada e reflexiva, ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento e favorecem a diversificação de estratégias didáticas. Segundo Bezerra e Lima (2019, p. 3), “as tecnologias digitais devem ser vistas como aliadas no processo de ensino-aprendizagem e não como elementos substitutivos da ação docente”, o que reforça o papel insubstituível do professor como articulador dos processos formativos.

A mediação, nesse cenário, exige mais do que conhecimentos operacionais: demanda leitura crítica dos contextos, compreensão das dimensões culturais e sensibilidade ética. O professor precisa conhecer as potencialidades e os limites das plataformas que utiliza, considerando aspectos como usabilidade, acessibilidade, segurança e adequação às necessidades dos estudantes. Como defendem Moraes (s.d., p. 2), o uso pedagógico da tecnologia depende de uma postura ativa do educador, que precisa “reconhecer os sentidos produzidos pelas mídias e transformá-los em oportunidades para a aprendizagem colaborativa e significativa”. Isso exige escuta, análise e disposição para reconfigurar estratégias constantemente.

2103

Nas experiências mais exitosas, observa-se que a mediação docente atua como eixo estruturante da aprendizagem digital. O professor organiza percursos formativos, propõe desafios, estimula o protagonismo dos estudantes e acompanha de forma qualitativa os processos desenvolvidos nas plataformas. Para isso, é necessário criar vínculos com os sujeitos, interpretar dados pedagógicos e planejar intervenções com base na escuta e no diagnóstico coletivo. A intencionalidade pedagógica se revela, assim, na forma como o docente conduz as interações, seleciona os recursos e constrói significados com os alunos a partir das interfaces digitais.

Entretanto, esse processo ainda encontra obstáculos concretos, como a fragmentação das formações oferecidas aos docentes e a naturalização do uso acrítico das plataformas. Muitas vezes, o professor é pressionado a utilizar ferramentas digitais sem tempo hábil para apropriação metodológica e sem suporte institucional consistente. Como afirmam Santos e Lopes (2016, p. 45), “o desafio está em transformar a tecnologia em prática pedagógica coerente com os objetivos da educação e com o desenvolvimento integral dos estudantes”, o que requer políticas públicas voltadas à formação continuada, à valorização docente e à integração curricular das tecnologias.

Nesse sentido, a mediação pedagógica nas plataformas deve ser compreendida como processo coletivo, atravessado por decisões éticas e pedagógicas que afetam diretamente a qualidade da educação. O professor deixa de ser apenas executor de comandos e passa a ser sujeito de uma prática intelectual e política que ressignifica o uso das tecnologias em favor de uma aprendizagem mais democrática, dialógica e centrada no estudante. Assim, a mediação docente representa não apenas um suporte técnico, mas um projeto pedagógico que valoriza a presença do educador como referência crítica nos ambientes digitais.

2.1 Plataformas digitais como espaços formativos

As plataformas educacionais, quando compreendidas como ambientes formativos e não apenas como instrumentos operacionais, abrem possibilidades para a construção de novas dinâmicas pedagógicas. Elas oferecem recursos que, sob mediação docente qualificada, permitem personalizar trilhas de aprendizagem, acompanhar o desempenho dos estudantes e diversificar estratégias de ensino. Segundo Martins e Gouveia (2022, p. 176), “as plataformas digitais favorecem a mobilização de metodologias ativas e permitem maior autonomia dos estudantes sobre seus próprios processos de aprendizagem”, desde que inseridas em propostas pedagógicas bem definidas. Essa condição ressalta a importância de articulação entre planejamento, acompanhamento e avaliação mediada.

2104

A estrutura dessas ferramentas pode contribuir para a promoção de práticas pedagógicas mais interativas, como fóruns de discussão, jogos educativos, produção de vídeos, quizzes, entre outras possibilidades. Para que essas funcionalidades sejam aproveitadas de forma formativa, é essencial que o professor atue como curador do processo educativo, selecionando, adaptando e integrando os recursos com base no currículo, nos objetivos de aprendizagem e nas necessidades reais da turma. Bezerra et al. (2024) ressaltam que a mediação docente, quando consciente e planejada, transforma a tecnologia em espaço de participação, autoria e colaboração.

Contudo, nem todas as plataformas disponíveis no contexto escolar favorecem a construção desse ambiente formativo. Algumas reproduzem modelos transmissivos e limitam a interação ao consumo de conteúdos prontos e avaliações padronizadas. Isso reforça a necessidade de que o professor compreenda as características das plataformas utilizadas e realize escolhas pedagógicas coerentes com seus princípios e valores. Conforme argumentam Sonogo et al. (2021, p. 126), “a mediação intencional do professor é o que transforma a plataforma em

um espaço educativo, e não apenas informativo”. A ausência dessa mediação tende a reduzir o potencial formativo das tecnologias.

Ademais, o uso qualificado das plataformas depende de condições institucionais que garantam tempo de planejamento, apoio técnico, conectividade estável e incentivo à inovação pedagógica. Sem esses elementos, o professor fica sobrecarregado e a tecnologia passa a ser mais um fator de pressão do que uma aliada no processo educativo. Farsani e Mendes (2023) defendem que a infraestrutura digital precisa estar a serviço da pedagogia e não o contrário, o que implica um olhar crítico sobre os processos de aquisição e implementação das tecnologias nas redes públicas de ensino.

Portanto, considerar as plataformas digitais como espaços formativos exige uma mudança de perspectiva sobre o próprio fazer docente. O professor precisa ser protagonista na escolha, na experimentação e na ressignificação dessas ferramentas, entendendo que a tecnologia por si só não modifica a prática, mas pode ser mediadora potente de aprendizagens quando integrada a uma proposta pedagógica coerente, crítica e emancipadora.

2.2 Práticas docentes e experiências com mediação digital

O uso de plataformas digitais tem provocado mudanças significativas na atuação docente, exigindo adaptações metodológicas, reconfiguração da comunicação com os estudantes e apropriação de novas linguagens. Muitas experiências bem-sucedidas relatam o fortalecimento do vínculo pedagógico por meio de práticas interativas mediadas pela tecnologia. Caldeira (2024) observa que quando os professores se apropriam criticamente dos recursos digitais, conseguem transformar a relação com os alunos, criando percursos mais significativos e ampliando os modos de expressão, participação e produção do conhecimento.

Entre as estratégias mais comuns estão a elaboração de projetos interdisciplinares com apoio de ambientes virtuais, a produção de materiais autorais por parte dos estudantes e o uso de recursos multimodais que favorecem diferentes estilos de aprendizagem. Plataformas com funcionalidades adaptáveis permitem que o professor acompanhe de forma mais próxima o percurso individual dos estudantes, oferecendo devolutivas mais personalizadas e promovendo a corresponsabilidade pelo aprendizado. Segundo Moraes (s.d., p. 3), “a mediação com tecnologia exige que o docente atue como articulador de experiências e não apenas como transmissor de informações”.

Apesar das potencialidades, a inserção das plataformas na rotina escolar ainda enfrenta barreiras. A falta de políticas públicas que garantam formação continuada específica, a ausência de tempo institucional para o planejamento e a resistência cultural em relação à mudança metodológica são fatores que comprometem o uso efetivo das tecnologias. Braga e Nonato (2021) destacam que a inovação pedagógica não depende apenas da tecnologia, mas de contextos formativos que legitimem o trabalho docente e possibilitem sua atuação crítica frente às demandas da sociedade digital.

A mediação também se fortalece quando os professores trabalham em redes colaborativas, trocando experiências sobre uso das plataformas, compartilhando práticas pedagógicas e construindo repertórios comuns. Ambientes escolares que incentivam o protagonismo docente e a aprendizagem institucional favorecem a consolidação de uma cultura digital comprometida com a qualidade do ensino. Como apontam König e Bridi (2023), a troca de saberes entre os professores é uma das estratégias mais eficazes para o fortalecimento da mediação pedagógica com tecnologia.

Dessa forma, as experiências com mediação digital mostram que, quando há escuta, planejamento coletivo e valorização do professor, as plataformas educacionais se tornam aliadas potentes na construção de uma escola mais aberta, dialógica e conectada com os desafios e possibilidades do presente.

2.3 Desafios institucionais e implicações formativas

A consolidação de uma cultura de mediação pedagógica com tecnologia passa pela superação de desafios estruturais que ainda persistem nas escolas brasileiras. Entre eles, destaca-se a fragilidade das políticas públicas voltadas à formação docente, que muitas vezes não abordam de forma sistemática as competências digitais necessárias à atuação crítica no ambiente escolar. Para Siena et al. (2024, p. 89), “é fundamental que os cursos de formação docente contemplem dimensões técnicas, éticas e pedagógicas relacionadas ao uso das tecnologias, sob risco de uma apropriação superficial ou instrumentalizada das plataformas educacionais”.

Outro obstáculo recorrente é a ausência de tempo destinado ao planejamento pedagógico com foco no uso das tecnologias. Em contextos de sobrecarga de tarefas e precarização do trabalho docente, a mediação com qualidade acaba sendo inviabilizada. Almeida (2021) aponta que o planejamento é uma das etapas mais fragilizadas do trabalho do professor, justamente por

não ser reconhecida como parte do processo educativo, mas como tarefa secundária. Esse descuido compromete a intencionalidade pedagógica e reduz a potência das plataformas como espaços de formação e criação.

Além disso, muitas escolas utilizam plataformas digitais de maneira padronizada, sem considerar as especificidades de suas comunidades, os diferentes níveis de letramento digital dos estudantes ou a diversidade dos territórios em que estão inseridas. Isso gera distanciamentos entre as propostas e a realidade escolar, o que dificulta a participação ativa dos alunos e a apropriação crítica das tecnologias. Como argumenta Brunelli e Viesba (2020), a aprendizagem com tecnologia deve ser contextualizada, articulando os saberes escolares com os repertórios culturais dos sujeitos.

A cultura institucional também precisa ser mobilizada para reconhecer o uso das plataformas como prática pedagógica legítima. Quando o trabalho com tecnologia é visto como algo secundário ou como modismo, tende a ser descontinuado ou superficial. Já quando há valorização do trabalho docente, escuta institucional e apoio da gestão, a mediação tecnológica se consolida como parte integrante do projeto pedagógico. Galvanini (2024) ressalta que o suporte da liderança escolar é decisivo para transformar as iniciativas digitais em políticas permanentes de formação e inovação.

2107

Portanto, enfrentar os desafios que atravessam a mediação com plataformas educacionais implica revisar concepções de currículo, tempos escolares, avaliação e formação docente. Essa revisão deve ser conduzida com diálogo, planejamento coletivo e compromisso com uma escola pública de qualidade, democrática e conectada às necessidades de seus estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências com plataformas educacionais e mediação docente permite concluir que o uso pedagógico das tecnologias digitais vai muito além da implementação técnica de ferramentas. Ele envolve, sobretudo, decisões éticas, planejamentos contextualizados e escuta atenta das demandas da comunidade escolar. O professor, nesse processo, atua como mediador dos sentidos atribuídos à tecnologia, organizando espaços de aprendizagem em que o estudante possa exercer autoria, protagonismo e reflexão crítica.

Para que esse processo se efetive, é necessário enfrentar desafios estruturais como a ausência de formação continuada, a sobrecarga de tarefas e a precarização das condições de

trabalho. Também é preciso cultivar uma cultura pedagógica que valorize a mediação com tecnologia como prática legítima, integrando as plataformas aos objetivos do projeto político-pedagógico da escola. Assim, a mediação pedagógica se consolida como estratégia de qualificação da educação, capaz de articular inovação, equidade e compromisso com a aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J. de, & Silveira, M. A. (s.d.). Educação, práticas digitais e novos riscos em rede. Anais do Workshop sobre Inclusão Digital (WIE). Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/22363/22187>

ALMEIDA, Í. D. (2021). Metodologia do Trabalho Científico. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Secretaria de Programas de Educação Aberta e Digital (SPREAD). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43770>

BEZERRA, A. M., & Lima, L. R. de. (2019). A importância do uso das tecnologias em sala de aula como mediadora no processo de ensino-aprendizagem. Anais do Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA19_ID1004_25092019073744.pdf

BEZERRA, Â., Sá, P. A. P. de, & Araújo, A. C. U. (2024). Fatores do desempenho de professores na utilização de estratégias de Aprendizagem Baseada em Problemas. Educação Online, 19(45). Disponível em: <https://doi.org/10.36556/eol.v19i45.1453>

BRAGA, I. M. dos S., & Nonato, G. A. (2021). A docência aplicada em práticas de blended learning sob a ótica da mediação da aprendizagem. SCIAS, 3(1), 44-64. Disponível em: <https://doi.org/10.36704/sciaseducotec.v3i1.4849>

BRUNELLI, E., & Viesba, E. (2020). Composição gravimétrica: proposta de metodologia ativa na aprendizagem baseada em projetos. Revista Sala de Aula em Foco, 8(2), 49-59. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/saladeaula.v8i2.600>

CALDEIRA, M. C. da S. (2024). "Alfabetização baseada em evidências: da ciência para a sala de aula": Qual ciência? Qual sala de aula? Revista Brasileira de Educação, 29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782024290121>

FARSANI, D., & Mendes, J. R. (2023). Discurso multimodal em sala de aula: gestos e proxêmica na interação professor-estudante. Educar em Revista, 39. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.75958>

GALVANINI, P. A. (2024). Aprendizagem baseada em equipes - Team Based Learning (TBL). Estratégias de ensino na formação superior em saúde, 93-102. Disponível em: <https://doi.org/10.51859/amplla.eef782.1124-8>

KÖNIG, F. R., & Bridi, F. R. de S. (2023). Práticas pedagógicas em educação especial. *Olhares & Trilhas*, 25(2), 1–17. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ot2023v25.n.2.68801>

MARTINS, E. R., & Gouveia, L. M. B. (2022). ML-SAI: modelo pedagógico fundamentado na sala de aula invertida. *TIC*, v. 2, 173–186. Disponível em: <https://doi.org/10.37885/220307993>

MORAES, A. F. (s.d.). O uso da tecnologia em sala de aula para fins pedagógicos. *Revista Monumenta*. Disponível em:

<https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/14/10>

SANTOS, G. D. R., & Lopes, E. M. S. (2016). Tecnologia e Educação: perspectivas e desafios para a ação docente. *Revista Síntese*. Disponível em: https://aeda.edu.br/wp-content/uploads/2016/08/REVISTA-SINTESE_04.pdf

SIENA, O., Braga, A. A., Oliveira, C. M. de, & Carvalho, E. M. de. (2024). *Metodologia da Pesquisa Científica e Elementos para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos*. Editora Poisson. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-86127-64-2>

SONEGO, A. H. S., Ribeiro, A. C. R., Machado, L. R., & Behar, P. A. (2021). *Edumobile: desenvolvimento*.